

Entre o lucro fácil e a preservação

Ambientalistas e empresários rurais divergem quanto ao destino que o país deve dar à floresta amazônica

Ana Beatriz Magno e Romário Schetino
 Da equipe do Correio

Usar ou preservar a Amazônia? O dilema que coloca em campos opostos ambientalistas e agricultores é uma das boas polêmicas para quem pensa em tratar o Dia Mundial do Meio Ambiente, comemorado amanhã, como um momento de reflexão. Representados no Congresso Nacional pela bancada ruralista, os agricultores acham que a riqueza da floresta não serve apenas para os olhos. Precisa ser aproveitada. Estão convencidos de que a floresta pode virar um celeiro nacional. Em matéria de quantidade este argumento é definitivo — os outros ecossistemas brasileiros deixam a desejar.

A Mata Atlântica está devastada, o Pantanal não serve para a agricultura, a caatinga exige recursos astronômicos e o cerrado já é um celeiro. Ou seja, a Amazônia é o que resta. E é um resto imenso: uma França já foi desmatada, porém restam 80% da floresta.

Os ruralistas sonham em plantar soja na região. "Temos potencial de mercado imenso, com países como Índia e China, que cada vez mais precisam de soja. Há uma década, o Brasil não sai da produção de algo em torno de 80 milhões de toneladas de grãos. Os Estados Unidos produzem essa quantidade só de soja", contabiliza o deputado Moacir Micheletto (PMDB-PR).

Os sonhos agrícolas dos ruralistas causam arrepios nos ambientalistas, que pregam que a Amazônia jamais virará um celeiro. Usam números e história para mostrar que todos os projetos anteriores fracassaram. Nas últimas duas décadas, dos 783,4 mil quilômetros quadrados de mata que viraram roça, 165,4 mil quilômetros quadrados (21%) estão sem uso. Equivale à Santa Catarina e Espírito Santo juntos. Os dados pertencem a estudo inédito do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), organização não-governamental, sediada em Belém (PA).

O trabalho revela que os 618 mil quilômetros quadrados ex-

plorados pela agricultura na Amazônia têm baixa lucratividade. Apenas 7% da área têm potencial agrônomico médio ou alto. "Ou seja, 93% das terras têm um potencial baixo ou nulo", resume o agrônomo da Imazon Adalberto Veríssimo.

Isso ocorre porque a maior parte da floresta esbanja umidade. Na região central, o índice pluviométrico ultrapassa os 2500 mm por ano. "São terras ácidas, quimicamente pobres, e onde a umidade excessiva favorece o surto de pragas e doenças", diz Veríssimo. Sobraria portanto, o sul amazônico, dominado pela vegetação de cerrado. Aí, de fato, os resultados agrícolas são animadores.

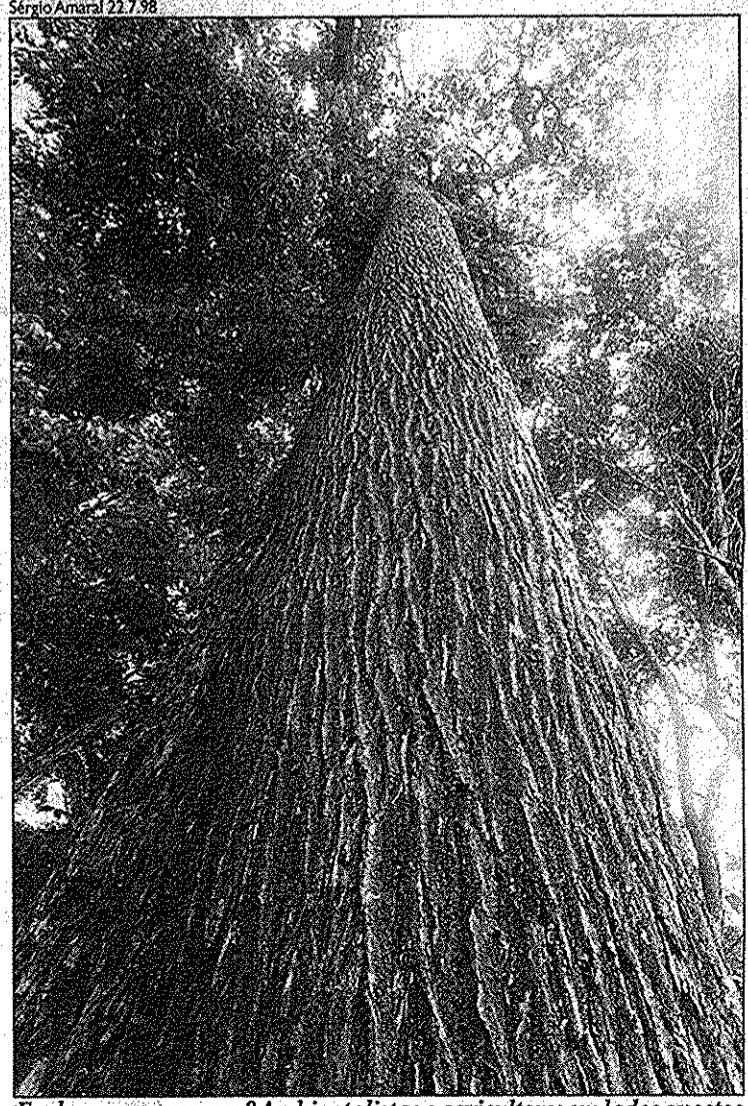
Rondônia é o melhor exemplo. Última fronteira agrícola nacional, aberta a partir da década de 70, Rondônia ostenta bons índices de pecuária e de lavoura. Em menos de três décadas, o tamanho da área plantada aumentou 800%. A pecuária passou de 23,125 cabeças de gado para 3.937.291. Trata-se de um estrondoso crescimento de 16.926%.

É evidente que isso implica em derruba da mata. Hoje 32% da floresta do estado está no chão — o percentual é mais grave quando se separa as áreas protegidas por unidades de conservação ambiental daquelas passíveis de exploração: 52% deste território livre já foi desmatado. Rondônia hoje é o maior produtor de soja do país, segundo dados da Companhia de Abastecimento (Conab).

"A soja é devastadora. Exige correção do solo, é um plantio caríssimo com alta tecnologia. Não é coisa para o caboclo da região", diz Rosa Lemo, ecóloga do WWF, organização ambientalista não governamental. "Continuar plantando em Rondônia é assinar o atestado de óbito do cerrado amazônico do estado." "Não somos loucos. Não estamos querendo plantar na Amazônia só para derrubar árvore. A floresta dá lucro", rebate Assuero Veronez, presidente da Federação da Agricultura do Acre.

Entre o lucro e a preservação, vale a pena ouvir opiniões menos entusiasmadas. O agrônomo Plínio Itamar Souza, pesquisador da Embrapa, especializado em soja, é da turma dos nem tanto ao céu nem tanto à terra. Acha possível criar um plano de manejo para a soja na Amazônia. "Os solos do sul do Pará e de Rondônia são ótimos para a soja. A soja combina com o milho. O grande agricultor entra com a soja e o caboclo com o milho", sugere o agrônomo. "Não podemos ser puristas nem de um lado nem do outro. Temos que preservar a Amazônia, mas temos que usá-la também. Com inteligência".

Sérgio Amaral 22.7.98



Explorar ou preservar? Ambientalistas e agricultores em lados opostos